

## **GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR – CONSIDERAÇÕES SOBRE A “ORIENTAÇÃO SEXUAL”**

**FERREIRA**, Marília Gabriela de Souza - UERJ

**ARAÚJO**, Érica Cordeiro de - UERJ

**GE**: Gênero, Sexualidade e Educação / n.23

**Agência Financiadora**: Não contou com financiamento.

Este trabalho tem por objetivo tecer algumas considerações sobre a sexualidade e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens – alunos da segunda série do Ensino Médio de uma escola situada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Tem por referência uma pesquisa que vem sendo desenvolvida dentro do Programa de Iniciação Científica. Em um primeiro momento iremos apresentar algumas considerações teóricas sobre o tema (priorizaremos questões relativas à forma como orientação sexual está envolvida nos parâmetros curriculares Nacionais e sua relação com os temas transversais). Em um segundo momento iremos descrever a pesquisa (que utiliza uma metodologia qualitativa, configurando um pesquisa-intervenção), assim com os resultados já obtidos. Tais resultados serão discutidos à luz de categorias relativas à sexualidade, ao gênero e à saúde reprodutiva.

### **A LDB e a Orientação Sexual**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, de acordo com a lei de Diretrizes e Bases, número 9394 de 20 de dezembro de 1996, propõem orientações gerais sobre o currículo básico: Português, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Educação Física e Artes. Na tentativa de compor um conjunto articulado e aberto a novos temas (dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais) e visando uma educação voltada para a construção cidadania (através de uma aprendizagem crítica e reflexiva), foram criados os Temas Transversais. São eles: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.

Priorizaremos a análise do tema transversal orientação sexual pela relação direta com a pesquisa desenvolvida. O tema em questão busca considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade.

Com relação à saúde reprodutiva observamos que grande parte das ações educativas têm a intenção de informar o educando sobre contracepção. Segundo Catharino (2002), somente a informação não seria suficiente para diminuir o número de adolescentes grávidas. A autora nos alerta para o fato de que uma gravidez pode não ser planejada, porém geralmente é desejada (uma vez que a concepção, assim como a gravidez levada a termo requerem, necessariamente, algum nível de desejo). Alerta-nos para a importância de deciframos as mensagens que podem estar sendo emitidas através da ocorrência da gravidez. Em pesquisa recente (Catharino, 2002) afirma que a ocorrência da gravidez entre adolescentes das classes populares

relaciona-se à falta de perspectiva quanto aos estudos e ao futuro profissional, determinados que são por suas condições material de vida. Para elas, um dos poucos sonhos possíveis é a maternidade, uma função valorizada na nossa sociedade – além do fato do filho representar a esperança de um futuro melhor.

Frente a esta realidade, cabe aos educadores perceber tais razões das adolescentes e mostrar caminhos diferentes daqueles que usualmente são reservados para as mulheres. Em nossa sociedade a mulher é tratada como se seu único destino possível fosse o meio privado, ocupando-se com o casamento, com a esfera doméstica e a educação de seus filhos<sup>1</sup>.

Ações socioeducativas no contexto de uma pesquisa-intervenção

Analisando o termo Orientação Sexual, questionamos a definição do verbo orientar, pois ele nos remete a outros, como dirigir ou guiar, o que poderia levar educadores a julgar os comportamentos dos seus alunos como certos ou errados. Tal atitude diverge com o nosso propósito: ao utilizarmos a metodologia de pesquisa-intervenção, tivemos como ponto de partida a realização de ações socioeducativas<sup>2</sup>. Tais ações apontam para a importância dos alunos refletirem a respeito de suas próprias atitudes, comportamentos e desejos, relacionando-os com o contexto macro-social. Além disso, toma os jovens como agentes do processo, estimulando o “protagonismo juvenil”.

Num primeiro momento de nossa pesquisa nos dedicamos a analisar as ações informais e formais que tinham lugar no espaço escolar e que versassem sobre o tema sexualidade. Tal análise teve por objetivo fornecer subsídios para que pudéssemos estruturar e propor uma ação socioeducativa que fosse pertinente com as demandas dos jovens escolares. Elegemos a técnica de oficinas como um dispositivo pedagógico privilegiado, uma vez que a entendemos como um espaço de trabalho onde a produção do conhecimento pode ser tomada com tarefa ativa e coletiva. Neste processo, chegamos a algumas conclusões preliminares, que passamos a enumerar: 1) As propostas pedagógicas sobre orientação sexual restringem-se a promoção de palestras que são organizadas por núcleos de saúde e que têm caráter informativo; 2) As iniciativas do corpo docente de abordar questões relativas à sexualidade e à saúde reprodutiva são individuais – geralmente partem de professores de Biologia e por vezes enfocam aspectos meramente anatomofisiológicos que dizem respeito a um corpo abstrato; 3) Não aborda o corpo concreto dos jovens, desconsiderando-os enquanto sujeitos deste processo; 4) Aos jovens não é dada a oportunidade de se pronunciarem, não havendo espaço para qualquer tipo de consideração que leve em conta a singularidade da história de cada um; 5) A sexualidade é tomada de maneira desvinculada do contexto político e social, assim como de uma visão histórica e cultural.

---

<sup>1</sup> Segundo Nunes (2000), até o século XVIII, as mães não eram consideradas peças-chaves para o desenvolvimento e a educação das crianças. Diante dos altos índices de mortalidade infantil, a necessidade de combater a disseminação de doenças e promiscuidade, faz com que as famílias sejam alvo das preocupações de caráter sanitário. Frente a este cenário o modelo de família nuclear ganha força e se expande. Nessa nova estrutura, a realidade mãe/filho passa a ter uma importância fundamental. É nesse momento que a mulher se finca no lugar de esposa e mãe, uma vez que possuía em papel secundário junto aos filhos, sendo igualada a estes na submissão ao pai.

<sup>2</sup> Ações socioeducativas, diferentemente das atividades extra-curriculares, estão intrinsecamente articuladas ao conteúdo curricular. São estratégias que têm por objetivo a potencialização da aprendizagem

Queremos esclarecer que ao questionarmos o aspecto estritamente informativo das propostas pedagógicas, não estamos negando a importância desta dimensão do processo educativo. Porém, acreditamos que a verdadeira educação tem que ir além, ou seja, deve estimular a produção do conhecimento e é dentro deste contexto que se insere a proposta de formação de multiplicadores: queremos que jovens que tenham participado das ações socioeducativas possam (re)produzi-las, efetivando assim o verdadeiro protagonismo juvenil.

A sexualidade, o gênero e o espaço escolar

Um ponto fundamental para o entendimento da amplitude da Orientação Sexual é a relação direta da escola com a questão da sexualidade, que se expressa em seu interior, através de relações interpessoais. Segundo Louro (1997):

As questões referentes a sexualidade estão, queira-se ou não, na escola. Elas fazem parte das conversas dos/as estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros; e não apenas aí, elas estão também de fato nas salas de aula- assumidamente ou não – nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes(p131).

A sexualidade abrange todos os indivíduos presentes e desempenhando alguma atividade na escola.

Os adolescentes expressam sua sexualidade, assim como sua vivência amorosa, através das roupas que usam, músicas produzidas e consumidas, pela linguagem gestual, pelos movimentos, em esportes praticados ou vivenciados por eles, e até no humor.

Conforme a pesquisa realizada, verificamos que os adolescentes reivindicam uma disciplina específica referente à orientação sexual, pois consideram suas famílias conservadoras, o que ocasiona uma falta de diálogo entre pais e filhos. Devido a isto o adolescente busca informação através dos meios de comunicação, amigos, escola e das religiões (que exercem o papel de elucidar e orientar os jovens sobre as questões referentes ao tema, através de suas doutrinas).

Os jovens abordados em nossa pesquisa demandaram um espaço e um tempo específico para tratar do tema sexualidade. Segundo eles a orientação sexual é um campo disciplinar que deve ser tratado no espaço escolar. Também pudemos constatar que os adolescentes conhecem os métodos contraceptivos, entretanto existe um índice elevado de adolescentes grávidas (o que parece corroborar com o fato de que a informação é importante, porém não é suficiente).

Nas oficinas realizadas com os adolescentes percebemos um forte “machismo”, deforma que certas atitudes são classificadas “a priori” como femininas ou masculinas.

Já a “vulnerabilidade” foi definida como “um momento de fraqueza de cada um, já que cada pessoa é diferente. Por isso quando se está vulnerável a pessoa fica mais exposta aos riscos”.

Reputamos como muito importante tratarmos do tema “vulnerabilidade”, uma vez que sua definição aponta para uma abordagem coletiva, enquanto a “prevenção de riscos” reduz as questões relativas à sexualidade (e outras) a uma dimensão estritamente individual.

Em relação ao conceito de adolescência, os alunos a definiram como uma etapa da vida na qual ocorrem alterações no corpo e em suas mentes. Dizem que estão preocupados com o futuro e só pensam em se divertir.

As concepções sobre o gênero também estão presentes: relatam que os rapazes e moças frequentam os mesmos lugares, mas não ignoram as distinções que há entre eles. Um exemplo sempre citado é o fato de as moças terem horário para chegar em casa enquanto os rapazes podem passar a noite fora e chegar tranqüilamente pela manhã.

Relatou-se também o fato de as mulheres terem obrigações domésticas em casa enquanto os homens não as têm, fato contestado por alguns rapazes.

Pudemos observar nas instituições escolares pesquisadas que as práticas voltadas para a orientação sexual do jovem, ao abordar as relações interpessoais destes, não consideram a questão de gênero – fundamental para que o educando perceba que os modelos e normas comportamentais delineados em função do sexo não são naturais, como nos fazem crer, mas construídos culturalmente.

#### Considerações finais

Parece existir um tipo de pensamento segundo o qual a explicitação de algumas questões implica no risco de que elas sejam incentivadas ou estimuladas. Tal parece ser o caso de temas relacionados à sexualidade, ao gênero e à saúde reprodutiva. Ao realizarmos a pesquisa que aqui foi sumariamente relatada pudemos perceber que, a despeito deste temores mais conservadores, há algo mais urgente e imperioso e que deve ser alvo de nossa atenção: referimo-nos ao interesse demonstrado pelos jovens em discutir este tema transversal nas instituições escolares. Curiosamente eles nos revelam que confiam na escola como um espaço de liberdade, onde tabus e mitos possam ser postos a prova. Acreditamos que esta confiança não pode ser desconsiderada. Ao contrário, deve ser valorizada, uma vez que pode funcionar como alavanca que revitalize a educação em nosso país. Neste sentido, todos os esforços devem ser voltados para a implementação da “Orientação Sexual”. Mesmo que não gostemos desta expressão, acreditamos que, ao nos apropriarmos dela e da proposta que ela abriga poderemos avançar cada vez mais em direção a propostas mais pertinentes com nossas concepções sobre a sexualidade de nosso jovens.

#### Referências Bibliográficas

CATHARINO, T.R. , *Da Gestão dos Riscos à Invenção do Futuro: considerações médico-psicológicas e educacionais sobre histórias de meninas que engravidaram entre 10 e 14 anos*. Tese de Doutorado IP/USP, 2002

LOURO, G.L., *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997

NUNES, S. A. , *O Corpo do Diabo: entre a cruz e a caldeirinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000